

Extremismo, Nacionalismo e Conservadorismo político: um estudo sobre o tempo presente na Europa

Karl Schurster¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo um estudo sistemático acerca do crescimento do extremismo político no cenário europeu contemporâneo, seja ele entendido pelo pensamento clássico como à esquerda ou à direita. As eleições para o Parlamento Europeu e para deputados da União Europeia, ocorridas no primeiro semestre de 2014, demonstraram em seus resultados o indicador de crescimento dos extremismos através de uma forte crise de representação política vivenciada pelo velho continente. Pretendemos mostrar como os partidos políticos eleitos retomaram em suas agendas questões ligadas ao nacionalismo e ao conservadorismo através de fortes e problemáticos discursos sobre a migração e as questões trabalhistas, rediscutidas depois da crise econômica de 2008. Nosso texto está baseado em diversas fontes periódicas (El País, New York Times, Le Monde), bases de dados internacionais (The World Factbook e Stratfor), além de discursos e plataformas oficiais de diversos partidos políticos europeus.

Palavras-chave: Nacionalismo, União Europeia, Conservadorismo, Tempo Presente e Extremismo.

Extremism, nationalism and political conservatism: a study of the present time in Europe

Abstract: This paper aims at a systematic study of the growth of political extremism in contemporary European scene, be it understood by classical thought as left or right. Elections to the European Parliament and MEPs from the European Union, which occurred in the first half of 2014, the results demonstrated in their growth indicator of extremism through a serious crisis of political representation experienced by the old continent. We intend to show how the political parties elected in their schedules resumed issues related to nationalism and the conservatism through strong and problematic discourses on migration and labor issues, reopened after the economic crisis of 2008. Our text is based on several sources periodical (El País, New York Times, Le Monde), international databases (The World Factbook and Stratfor), as well as speeches and official platforms of several European political parties.

Keywords: Nationalism, European Union, Conservatism, Time Present and Extremism.

Artigo recebido em 01/07/2015 e aprovado em 08/07/2015.

Introdução

No dia 13 de junho de 2012, o jornalista Maximilian Pop publica no influente jornal alemão *Der Spiegel* uma matéria intitulada *Os Nazistas prosperam livremente em partes da Alemanha Oriental*, onde retratava a ação de grupos de ressurgentes atuando em nome da antiga proposta Nacional Socialista. Maio de 2012, Saxônia, cidade de Bautzen. Dois homens agrediram um estudante colombiano com chutes e xingamentos. Em Hoyersweda^{II}, outro grupo de extrema-direita cercou o escritório de um dos membros do Parlamento alemão, *Bundestag*, quebrando as janelas e atacando fisicamente um dos funcionários. Em Limbach-Oberfrohna, outro grupo ressurgente atacou um centro de educação alternativa. Em Geithain, um explosivo foi acionado em frente à Pizzaria Bollywood, restaurante que tinha como proprietário um paquistanês. Uma das entrevistadas pela matéria é Kerstin Krumbholz, de cinquenta anos, que resume os acontecidos em sua cidade com a seguinte expressão: *o inferno é assim*. Ela conta que tinha escolhido se mudar para a cidade de Geithain, aproximadamente a quarenta quilômetros de Leipzig, há dezenove anos, pois queria que seus filhos crescessem num ambiente mais seguro, longe da criminalidade e dos entorpecentes presentes com mais frequência nas grandes cidades. De qualquer maneira, para a família Krumbholz as ações ressurgentes não passavam de algo que se via e ouvia através dos noticiários, coisas do tipo incêndio nos asilos ou mesmo a entrada do Partido Nacional Democrático (NPD) em alguma câmara legislativa estadual. Essa realidade foi completamente alterada quando seu filho Florian, de quinze anos, foi atacado por um grupo extremista de maneira abrupta até entrar em coma e ter que ser submetido a diversos procedimentos cirúrgicos. Florian era membro de uma turma *punk* e foi atacado pelo grupo ressurgente num posto de gasolina em maio de 2010 e teve seu crânio perfurado por pancadas. Hoje, o jovem vive com uma placa de titânio na cabeça e a família Krumbholz não mais reside na cidade de Geithain.

Este é apenas um exemplo dos diversos eventos ocorridos por ações de grupos extremistas no leste da Alemanha no presente e que tem crescido vertiginosamente em todo o continente. Este trabalho se debruça sobre o contexto histórico e as possibilidades do crescimento de ações extremistas na Europa, tentando entender o retorno ou apenas uma nova continuidade de uma agenda conservadora que possui como princípio básico a negação da alteridade. Não temos dúvidas que fenômenos de ressurgência de teorias oriundas dos fascismos dos anos '30 e '40 do século passado crescem quando presenciamos fortes crises de representação política, mesmo que as mesmas não sejam a causa central de explicação da gênese desse crescimento.

Há poucos meses, na cidade austríaca de Bischofshofen, uma partida de futebol também foi palco de ações extremistas, desdobramento do incansável e complexo conflito entre Israel e Palestina no Oriente Médio. A equipe francesa do Lille e a israelense Maccabi Haifa, faziam um amistoso de pré-temporada quando alguns militantes pró-Palestina invadiram o campo e violentamente agrediram os jogadores da equipe israelense. Prontamente o árbitro paralisou a partida, os policiais entraram em campo, mas ainda assim, os jogadores e a comissão técnica do Maccabi Haifa foram apedrejados pelos militantes. Por mais que o time francês e o árbitro da partida não tenham se posicionado sobre o ocorrido, não podemos deixar de apontá-lo como mais uma ação do crescente antijudaísmo na Europa, oriundo das ações do Estado de Israel durante a crescente do conflito contra o Hamas em julho de 2014. Cabe aqui ressaltar

KARL SCHURSTER

que o Maccabi Haifa (1913), além de ser uma equipe tradicional do futebol israelense, é considerada uma das mais plurais do país tendo em seu elenco jogadores de diversas nacionalidades, inclusive árabes mulçumanos. O que temos que entender é como momentos de crises sociopolíticas levam ao crescimento do extremismo político e qual a ligação dele com o aumento do antijudaísmo no velho continente. Há alguma ligação entre a crise econômica, o problema da representação política e o retorno vertiginoso da negação da alteridade na Europa? Esse será o fio condutor do trabalho aqui apresentado.

Apresentando o tempo presente Europeu

O Extremismo é um fenômeno característico da política contemporânea que motivou e ainda motiva movimentos sociais e políticos, principalmente em épocas de intensa mobilização social e de profundas transformações nos sistemas produtivos e institucionais. A sociologia política distingue dois tipos opostos de extremismo, o de direita e o de esquerda. O extremismo de direita é marcado pela manifestação de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e de condição e a uma drástica redução da sua influência política. É o Extremismo daqueles que, outrora, estiveram em melhores condições sociofinanceiras, cujo comportamento político está voltado para a defesa a todo custo das suas tradicionais prerrogativas sociopolíticas. O comportamento extremista se concretiza historicamente em movimentos e/ou partidos portadores de uma práxis subversiva e violenta, que rejeitam os vínculos formais da transformação do conflito em controvérsia, próprios da tradição parlamentar.^{III} Essa conceituação é demasiadamente importante no contexto histórico do crescimento do extremismo na Europa contemporânea.

Nos últimos anos, estamos a observar uma ascensão demasiada das políticas de extremismo no continente europeu, quer seja um extremismo de direita ou de esquerda. Esse aumento considerável que constatamos nos resultados das últimas eleições na Europa – quer sejam eleições internas em alguns países, ou mesmo as eleições para o Parlamento Europeu^{IV} - vem a demonstrar um demasiado descontentamento da população com o sistema de governo vigente nos países pertencentes à União Europeia. Uma novidade significativa que marcou estas últimas eleições para o Parlamento Europeu foi o demasiado aumento de votos em partidos de extrema direita e extrema esquerda. Esse crescente no número de votos em ambos vem a confirmar uma opinião política dos eleitores favorecendo as políticas extremistas. Esse fortalecimento dos polos das ideologias políticas tem como causa um sentimento ou uma vontade de mudança, causado por uma crise profunda na representatividade política e no crescimento sistêmico da descrença da sociedade civil nas instituições. Os partidos e as propostas das políticas extremas na Europa no tempo presente são pautadas em mudanças e medidas radicais em detrimento dos atuais governos e de seus respectivos países. São comuns propostas xenófobas, austeras, anti-imigração, e de desligamento da União Europeia, a qual os partidos políticos de extrema direita atribuem a crise em que o Velho Continente está a passar.

Podemos utilizar como exemplo, o fortalecimento do partido da extrema direita francesa de maior tradição, o *Front National*, que nas últimas eleições tanto para o Parlamento Europeu, quanto nas eleições locais, logrou um aumento significativo de cargos políticos. Este partido alcançou o maior número de votos do país ao conseguir 25% do

KARL SCHURSTER

sufrágio nas eleições locais. Este foi o melhor resultado já obtido em eleições nacionais na história do já tradicional FN^V. O partido foi fundado em 1972 pelo político francês Jean-Marie Le Pen, que sempre esteve a defender na sua carreira política propostas radicais para a resolução de problemas internos da França, apoiando a xenofobia, o nacionalismo e a pena de morte. Sua filha, Marine Le Pen, é quem hoje está à frente do partido, assumindo a liderança do FN em 2011 e dando continuidade às políticas defendidas pelo seu pai e pelo partido. No mês de março de 2014, o *Front National*, ao obter demasiado crescimento nos resultados das eleições locais para prefeito, já estava fazendo uma prévia do que seria seriam seus números nas “Europeias”^{VI}. Na ocasião, o FN obteve a liderança da prefeitura de 14 cidades, melhor resultado em eleições locais na história do partido^{VII}.

Na Grécia, o partido de extrema direita mais forte no cenário político grego, o Aurora Dourada, com uma agenda pautada em ideias nacionalistas, xenofóbicas e racistas obteve expressiva votação. O partido conseguiu o maior número de votos entre o sufrágio grego desde a crise econômica mundial de 2008, quando o desemprego, a inflação e a recessão da economia do país vieram à tona. O Aurora Dourada veio a lograr o seu primeiro grande resultado nas últimas eleições para o Parlamento Grego, que foi celebrada em junho de 2012^{VIII}, as primeiras eleições desse caráter desde o começo da crise financeira, que veio a atingir uma boa parte da economia mundial, e consequentemente, teve seus impactos no continente europeu. O Aurora Dourada já tem uma tradição no cenário político-ideológico grego, tendo início como uma revista de publicação semanal de caráter abertamente fascista, por vezes a exaltar a imagem de líderes nazistas. Após um período de inatividade, a organização voltou à ativa, dessa vez como um partido político, a ser reconhecido como tal em 1993^{IX}.

Tanto o Aurora Dourada^X como o *Front National* costumam utilizar em sua agenda política, medidas de caráter fascista, demasiado nacionalista, xenófobo e racista. No caso do primeiro, o uso do terror contra os indivíduos ideologicamente contrários é frequente. Este é o partido que mais se diferencia da extrema direita europeia por sua *práxis* abertamente fascista. É demasiado importante notar que em sua maioria, as outras organizações extremistas europeias se distanciam do Aurora Dourada, não o reconhecendo como aliado no *political play*. Nesse sentido, o caráter radical e extremista do Aurora Dourada vem a ultrajar o *outro inconveniente*, para utilizarmos um termo pertinente à psicologia. Foi desta maneira, que ocorreu o assassinato de Pavlos Fissas, um militante de esquerda^{XI} que lutava através da música contra o autoritarismo presente na sociedade grega^{XII}. O fato ocorreu durante uma exibição de uma partida de futebol num bar no bairro de Keratsini, subúrbio ao sul de Atenas. Numa ação que parece ter sido premeditada, algumas pessoas entraram no bar vestidos de preto e com roupas de camuflagem, o que dizem ser uma marca do Aurora Dourada^{XIII}. Durante uma briga um dos homens atingiu Fissas no peito com uma punhalada. O agressor, Yorgos Roupakias, foi detido pouco tempo depois do ocorrido, e confessou ser membro do Aurora Dourada^{XIV}. O assassinato de Fissas veio a desencadear medidas do governo contra a organização extremista, cogitando a possibilidade de mudanças em artigos da constituição para redefinir o que seria, dentro da lei, uma organização criminal^{XV}. “O dia 18 de setembro de 2013 tem que ser visto com atenção para que a democracia grega, suas instituições e seus cidadãos despertem”, disse o comentarista do periódico Kathimerini, Nikos Xydakis.

O *Front National* vem fazendo uso, de forma mais ampla, de políticas fortemente baseadas na xenofobia e no racismo, que são difundidas em discursos do partido para a

Cadernos do Tempo Presente, n. 20, jun./jul. 2015, p. 16-26 | <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>

KARL SCHURSTER

população que o está a apoiar. Por meio do que Patrick Charaudeau denominou como *ethos* de identificação, as pessoas que estão sob a ação de um discurso em que domina um *falar forte* – para utilizar uma mesma expressão empregada por este autor – são levadas a apoiar as políticas defendidas pelo partido, que obtém um efeito maior sobre os indivíduos em momentos do que podemos chamar de crise da democracia. Uma crise não somente financeira e social, mas de caráter político.

O FN já goza de demasiada tradição no cenário político da França, desde 1972, com sua fundação. O primeiro líder do partido, Jean-Marie Le Pen, já viria a defender medidas de caráter populista desde os primórdios de sua carreira política. A defesa de políticas xenofóbicas, racistas, nacionalistas e inclusive a pena de morte, foram apontadas como um conjunto de ideias favoráveis à resolução dos problemas internos da França. O avanço da extrema direita e do partido de Le Pen pode ser explicado, em primeiro lugar, pela impopularidade de François Hollande, o atual presidente da França, e pelo descontentamento com o sistema político-social atual. A crise econômica e social que assola o país vem a catalisar o descontentamento populacional com o governo e o sentimento de falta de representatividade.

É deveras importante lembrar que não estamos aqui a dar à crise financeira o caráter de geradora do aumento da popularidade da extrema direita na Europa. Reter-se à esta ideia, seria voltarmos à explicação da sociedade pela filosofia marxista, em que a economia é responsável por gerir a sociedade mundial. Este tipo de pensamento já foi amplamente debatido por diversos historiadores e cientistas políticos durante todo o século passado. Inclusive, foi através dessa interpretação que o historiador N. Poulantzas equivocadamente ligou a ascensão do Nazismo a sua relação com o grande capital e tentou explicar sua força motriz através da crise de 1929. É verdade, que em períodos de crise, quer sejam estas de caráter social, político, ou econômico, a *práxis* do radicalismo extremista cresce. Porém, devemos ter em mente que este tipo de crise é mais um catalisador para a insatisfação do povo com o sistema político que está a vigorar em determinado país do que propriamente um reflexo conscientemente direto dela.

É esta insatisfação com a política que pode dar brecha para ideologias voltadas para o pensamento fascista ou de extrema direita, como também de extrema esquerda. As eleições para o Parlamento Europeu em maio de 2014 veio a provocar este pensamento de políticas de extrema direita e de extrema esquerda em tempos de crise. Estas eleições, além de demonstrar uma ascensão das políticas extremistas no velho continente, também trouxe à tona a insatisfação da população com a política atual devido ao elevado número de abstenções que chegou a 43,09% do total de eleitores da UE^{XVI}. Esse declínio gradativo do número de votantes pode sugerir uma falta de estímulo por parte dos eleitores de irem às urnas provocadas pela ausência de uma política realmente representativa, que defenda as ideias desses cidadãos no Parlamento.

O Nacionalismo Político

KARL SCHURSTER

Uma das medidas constantemente evidenciadas por parte dos partidos extremistas que estão a ascender atualmente na Europa é, evidentemente o Nacionalismo. A União Europeia está a passar por uma crise de âmbito político, em que parte dos eurodeputados da ala direita recém-eleitos apontam como melhor caminho para a retirar o continente europeu da crise econômica que este está a enfrentar, o desligamento da UE, a defender a criação de leis próprias de imigração, a criação de uma moeda independente (se desvinculando, desta maneira, do euro), e a não intervenção de um órgão interestatal nos assuntos internos dos Estados. A eurodeputada Marine Le Pen, do *Front National* (partido de extrema direita, de antiga tradição na França) vem a ser uma das líderes do grupo dos chamados eurocéticos, os que defendem a retirada dos seus respectivos países da União Europeia.

Para contornar esta situação, Juncker, eleito em julho presidente da Comissão Europeia, um dos principais órgãos da UE, vem a propor estímulos e flexibilidade no que concerne às regras fiscais, reanalisar a política empreendida pela *Troika* a fim de “amenizar as consequências sociais destas políticas”, um salário mínimo europeu e um mercado único de capitais. Foi com essas propostas que Jean-Claude Juncker veio a lograr o apoio dos socialdemocratas e dos liberais para se promover ao cargo de Presidente da Comissão. O *Front National*, de extrema direita, logrou 25% do sufrágio na França, a atingir o maior número de votos do país nestas eleições. A ascensão da extrema esquerda nas “Europeias” também foi latente, ao que podemos utilizar como exemplo o resultado da *Syriza*, coalizão de partidos de extrema esquerda da Grécia, que atingiu o maior número de votos no país, ao lograr 26,6% do número de votantes. Estes resultados, que favorecem aos polos da diáde direita-esquerda na Europa, vêm a refletir o descontentamento populacional com a falta de representatividade dos cidadãos pela política europeia, que traz à tona um sentimento de mudança radical no meio político.

Juncker sofre com a desconfiança de parte dos eurodeputados, que o acusam de não ser o homem ideal para a mudança que a Europa necessita hoje, devido entre outros motivos, à sua procedência de um país referido como paraíso fiscal. Juncker esteve presente na conferência em que foi assinado o *Tratado de Maastricht*, que definiu bases da atual União Europeia, sendo também uma das figuras chaves na introdução do euro como moeda oficial do continente europeu, o que o leva a ser atacado por Marine Le Pen por ser “um dos responsáveis por colocar a Europa neste inferno”^{XVII}.

O tema da divisão da União Europeia, com a proposta de desligamento de alguns dos países a ela pertencentes, reacende a chama do debate proposto por Jürgen Habermas. Esta falta de coesão interna da União Europeia, reflete o que Habermas chamou, no seu recente livro intitulado *Sobre a Constituição da Europa*, de que a União Europeia seria antes, um projeto constitucional, do que uma verdadeira união entre nações^{XVIII}. Habermas vem a defender a ideia de que a união entre esses países ocorreu de forma com que houvesse uma maior facilidade entre a diplomacia dos Estados europeus, e não no sentido de que a população de todos esses países se sentisse com um interesse em comum, com um pertencimento à uma única nacionalidade. A partir deste princípio, a constituição da União Europeia estaria fada ao fracasso.

KARL SCHURSTER

Eric Hobsbawm, em *Nações e Nacionalismo desde 1790*^{XIX} vem a defender a ideia de que para um conjunto de pessoas sentirem pertencimento à uma nação, alguns elementos básicos na mentalidade das pessoas teriam que ser levados em conta, como por exemplo, uma cultura em comum, interesses e ideologias que mantivessem tais indivíduos unidos. O que acontece na União Europeia, nada mais é do que uma união entre povos de procedências diferentes, de culturas e tradições que divergem entre si. A criação da UE teria como princípio formar uma *grande nação europeia*, porém, como Habermas fala, esta união estaria fada ao fracasso, já que a mesma não dispõe dos parâmetros elencados por Hobsbawm para formar uma única nação.

O que vem a ocorrer em decorrência disto são os movimentos separatistas que observamos no cenário político europeu atual. A citar como exemplos marcantes: a luta pela independência da Catalunha, que há alguns anos permeia os debates sobre política na Espanha, a provocar desta maneira um choque de opiniões e, mais recentemente, a tentativa de independência da Escócia do Reino Unido. É certo que o Reino Unido não faz parte completamente da União Europeia – existem políticas próprias para migração e uma moeda em circulação diferente dos demais países europeus – todavia, os princípios básicos da constituição do Reino Unido são semelhantes à da União Europeia. O sentimento de não pertencimento à mesma *nação*^{XX} veio a culminar no mês de setembro de 2014 com um referendo para discutir a permanência ou não da Escócia no Reino Unido^{XXI}.

O Crescimento do Antijudaísmo Europeu

“Foram ouvidos seis disparos num primeiro momento, depois outros seis. Posteriormente, um automóvel esportivo que havia parado na porta do museu disparou a toda velocidade”. Estas são palavras de Marc Weberman, funcionário de uma imobiliária que se situa em frente ao Museu Judaico de Bruxelas. No dia 24 de maio de 2014, a cidade de Bruxelas, capital da Bélgica presenciou um atentado contra um museu judaico desta cidade, que tirou a vida de quatro pessoas. Em torno das 13h, uma pessoa invadiu o museu e abriu fogo a esmo contra vários populares que ali estavam. Logo após o ato de terror, a ministra do interior, Joëlle Milquet, veio a afirmar que todas as suspeitas indicavam um ataque antissemita^{XXII}.

Este foi o atentado antijudaico de maior expressão na Bélgica desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Viviane Teitelbaum, deputada do parlamento de Bruxelas e judia, afirma que as políticas contra o antijudaísmo não foram suficientes para apagar esse pensamento das mentalidades dos indivíduos desde a queda dos regimes fascistas na Europa. Desta forma, certo sentimento antissemita, melhor dizendo, antijudaico, ainda vem a predominar demasiadamente entre grupos extremistas não só na Bélgica mais em parte da Europa. Joël Rubinfeld, presidente da Liga Belga Contra o Antissemitismo, veio a declarar que o acontecimento era previsível, devido ao clima de antissemitismo em que se encontrava no país, bem como em alguns outros países do continente europeu^{XXIII}, especialmente por conta das ações do Estado de Israel no conflito do Oriente Médio.

KARL SCHURSTER

O suspeito autor do atentado contra o museu é um *jihadista* francês de 29 anos chamado Mehdi Nemmouche. Este, segundo o órgão de fiscalização antiterrorista de Paris, teve experiência de guerra na Síria, onde combateu em 2013. Também veio a ser condenado na França sete vezes e preso em cinco destas ocasiões, por roubos e outras pequenas infrações, o que resultou num total de sete anos de reclusão. Na prisão, Nemmouche fazia propaganda antissemita, e frequentemente chamava outros presos para orar, lendo o Corão. Sua prisão ocorreu em território francês, sendo detido após chegar na França num trem. Nas suas bagagens foi encontrado um fuzil do tipo Kaláshnikov (AK-47), um revólver, munição em demasia e um lenço branco com inscrições do grupo fundamentalista islâmico Estado Islâmico do Iraque e Levante^{XXIV}.

Do total de judeus residentes na Europa, 26% declararam ter sofrido algum tipo de injúria no que se refere à sua religião nos últimos 12 meses. 4% dos entrevistados pela Agência Europeia para os Direitos Humanos Fundamentais, disseram terem sido agredidos nesses últimos meses, por causa da condição de serem judeus. Essas pessoas, estão a pedir uma maior vigilância contra o antissemitismo presente no continente europeu atualmente, após o atentado contra o Museu Judaico de Bruxelas. Os ataques crescentes contra sinagogas e comunidades judaicas, bem como no caso de Bruxelas, ocorreram às vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, onde partidos de extrema direita vieram a difundir abertamente seus ideais antissemitas. Podemos incluir nessa gama de partidos o húngaro Jobbik e o grego Aurora Dourada^{XXV}.

O *Front National*, na França, ainda que tenha se distanciado da política veemente antissemita de Jean-Marie Le Pen, está a ser administrado por sua filha, Marine Le Pen, com um caráter menos antijudaico, mas ao mesmo tempo, com um crescente ideal anti-islâmico. Segundo o Centro Moshe Kantor, da Universidade de Tel Aviv, a França é o país europeu que mais registrou incidentes contra a população judia, que o país com o segundo maior número de judeus fora de Israel. O antissemitismo segue sendo uma realidade na sociedade europeia, embora que não seja constante. Podemos citar aqui o episódio da derrota do time de basquete do Real Madrid para o Maccabi Haifa, equipe israelense, com a maioria dos seus jogadores judeus.^{XXVI} Embora o problema do anti-islamismo esteja mais presente na agenda política dos partidos de extrema direita na Europa, o antijudaísmo está a crescer, e também deve ser levado em consideração.

A recente ofensiva do Estado de Israel contra Gaza nos últimos meses, veio a fazer crescer uma onda de antissemitismo pelo continente europeu e também pelo resto do mundo. Manifestações contra o ataque israelense sobre Gaza ocorreram em demasia em todo o mundo, inclusive em território israelense. O ano de 2014 foi, entre os últimos três anos, o ano em que um maior número de judeus residentes na Europa, principalmente na França – maior comunidade judia europeia – migraram para o Estado de Israel. A insegurança dessa população foi um dos principais motivos para esta migração. Segundo o Ministério Israelense de Integração, nos primeiros oito meses do ano de 2014, 4.566 judeus residentes na França migraram para Israel, devido às ameaças da população francesa contra judeus.

KARL SCHURSTER

Em Berlim, capital alemã em que há quase 76 anos Adolf Hitler deu ordem para iniciar o *pogrom* da *Kristallnacht*, a Noite dos Cristais, em que foram depredadas sinagogas e comércios de famílias judias por grande parte dos alemães, a atual chanceler, Angela Merkel veio a público, junto com a comunidade judaica deste país, pedir que a população alemã viesse a ter mais solidariedade e tolerância para com os judeus deste país. Esta foi a primeira vez, após o fim da Segunda Guerra Mundial, que a população judaica alemã se viu forçada a ir às ruas protestar contra o antissemitismo presente na sociedade alemã, que foi posto em prática por palestinos, em protestos contra as ações do Estado de Israel contra Gaza. “Nunca na minha vida havia imaginado que teríamos que voltar a manifestarmos contra o antissemitismo presente na Alemanha. Mas, após as terríveis frases antissemitas que foram ouvidas nas ruas alemãs, foi necessário voltar a fazê-lo”, palavras do presidente do Conselho Central Judeu da Alemanha, Dieter Großman.^{xxvii}

O que nos interessou aqui foi pensar quais as condições sociais e políticas dentro dos espaços contemporâneos que permitem e muitas vezes legitimam o cultivo do ódio e sua propagação em forma de política e manifestações da sociedade. Nosso intuito foi perceber que em momentos de grandes crises socioeconômicas os extremos de uma sociedade prevalecem na luta por autonomia e representação. Nesse sentido, constituiria um erro, *per si*, pensar que crises econômicas são produtoras por excelência da ressurgência da extrema-direita. Precisamos entender que nesses momentos de exceção a sociedade se polariza criando novos guetos que não lutam mais por um motivo condutor nacional, mas, pela legitimação de suas próprias causas e interesses particularizados. Isso foi o que o historiador britânico Eric Hobsbawm chamou de troca do movimento pela causa. Enquanto no século passado o movimento social por alguma causa ou questão levava boa parcela da sociedade a estar pensando e lutando conjuntamente por uma ampla e larga agenda comum, hoje não temos mais essa realidade. A sociedade que hoje vais as ruas é mais do que fragmentada. É uma ruína que necessita ser levantada do chão, tal qual a metáfora criada por Paul Klee (*Angelus Novus*), por um anjo que através das ruínas reconstrói a história. Esse, talvez, seja um caminho a ser traçado pelo velho continente, mas antes urge a necessidade de uma autorreflexão sobre como voltar a conviver com todas as diferenças e necessidades. Quem sabe voltamos as propostas de Alain Touraine para ampliação e solidificação da defesa da diversidade social e cultural como um princípio motor da convivência entre grupos. Contrariamente as forças da política, que pensam e reivindicam de forma mais universalista, os movimentos sociais lutam por direitos e interesses e por reconhecimento da cultura. Esses são aspectos fundamentais que devem ser resgatados para que possamos a falar de forma menos turba em União Europeia.

Notas

^I Pós-Doutor em História UFRPE/UNLP. Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE e do Programa de Pós Graduação profissional em Educação da UPE. Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Nacional de La Plata. Pesquisa financiada pelo Cnpq e pela FACEPE.

^{II} Todas as cidades citadas neste parágrafo estão localizadas na Saxônia no leste da Alemanha.

^{III} BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: UNESP, 2013.

EXTREMISMO, NACIONALISMO E CONSERVADORISMO POLÍTICO: UM ESTUDO SOBRE O TEMPO
PRESENTE NA EUROPA

KARL SCHURSTER

^{IV} Instituição que administra a União Europeia. Conta com 766 cadeiras e representa 500 milhões de cidadãos que pertencem aos 28 Estados-membros da UE.

^V Disponível em: <http://www.resultados-eleicoes2014.eu/pt/country-results-fr-2014.html>. Acesso em: 30/05/2014

^{VI} Jargão popular para as eleições para o Parlamento Europeu.

^{VII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/03/31/actualidad/1396243212_088554.html. Acesso em: 27/09/2014.

^{VIII} Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gr.html>. Acesso em: 27/09/2014.

^{IX} Disponível em: <http://www.tovima.gr/relatedarticles/article/?aid=168197&dt=11/09/2005>. Acesso em: 27/09/2014.

^X Do grego: *Crissy Avgui*.

^{XI} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/09/18/actualidad/1379513830_920076.html. Acesso em: 27/09/2014.

^{XII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/09/25/actualidad/1380104091_075441.html. Acesso em: 27/09/2014.

^{XIII} Idem

^{XIV} Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-24314319>. Acesso em: 27/09/2014.

^{XV} Idem

^{XVI} Disponível em: <http://www.resultados-eleicoes2014.eu/pt/election-results-2014.html>.

^{XVII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/07/15/actualidad/1405405116_173386.html. Acesso em: 28/10/2014.

^{XVIII} HABERMAS, Jürgen. *Sobre a constituição da Europa*. São Paulo: UNESP, 2012.

^{XIX} HOBBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

^{XX} Entenda-se aqui a palavra *nação* no seu contexto de uma união entre povos, independentemente de serem de um mesmo Estado-nação.

^{XXI} Disponível em: http://elpais.com/elpais/2014/09/19/opinion/1411144898_263124.html. Acesso em: 27/09/2014.

^{XXII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/24/actualidad/1400945428_013155.html. Acesso em: 27/10/2014.

^{XXIII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/24/actualidad/1400945428_013155.html. Acesso em: 27/10/2014.

^{XXIV} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/06/01/actualidad/1401607194_479473.html. Acesso em: 28/10/2014.

^{XXV} Disponível em: http://sociedad.elpais.com/sociedad/2014/06/05/actualidad/1401978023_851631.html. Acesso em: 28/10/2014.

^{XXVI} Idem.

^{XXVII} Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/09/14/actualidad/1410698186_658080.html. Acesso em: 28/10/2014.

Referências Bibliográficas

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção Política.** São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

_____. BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política.** Brasília; Ed. UnB, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político.** São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Sobre a Constituição da Europa.** São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do Liberalismo ao Fascismo.** São Paulo: Ed. Ática, 2010.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo.** São Paulo; Ed. Cia. Das Letras; 2007

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2013.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial.** Rio de Janeiro; Ed. Objetiva, 1997.

MAC CORMIC, John. **The Europea Union: Politics and Policies.** EUA: Westview Press, 2013.

SOROS, George. **The Tragedy of the European Union: disintegration or revival?** EUA: Public Affair, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Os Inimigos Íntimos da Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZIEMMERMANN, Hubert. **Key controversies in European Integration.** EUA: Palgrave Macmillan, 2012.